

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

27.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

NOVEMBRO 4, 1837.



CAÇADA NO ORIENTE.

A CAÇA DO PORCO-MONTEZ NO ORIENTE.

DE todos os divertimentos da India nas colonias britannicas o que mais incita a curiosidade é a caça do porco bravo, ou javali; e talvez não é menos perigosa que a do tigre, ou a do leopardo (de que já demos uma estampa em o N.º 12); porque esta geralmente é feita a cavallo n'um colossal elephante, onde o caçador vai mais a salvo do perigo. Porém na caça do javali o caso é differente, porque este animal é naturalmente corajoso, pertinaz, e possante, cega-se no perigo, e não teme o cavallo; e as suas feridas são muitas vezes mortaes. Elle não tem a ferocidade do tigre, ou do leopardo, nem salta veloz, nem tem a certeza do pulo; mas defende-se com esforço, e joga destramente as prezas, com que o armou a natureza. Não é raro vê-lo no meio da mais arrebatada carreira parar subitamente, dar uma volta em redondo sobre o aggressor, e rasgar-lhe d'um golpe a barriga do cavallo: se apanha o homem é este victima certa da sua colera.

O porco montez é bem conhecido nas serranias do nosso reino pelos estragos, que faz á cultura; e em Salvaterra, e outros sitios, tambem a sua caça tem sido objecto de recreio da familia real. Os habitantes da serra da Estrella sabem optimamente guerrea-lo. Na India é um divertimento mimoso dos colonos inglezes andar á caça dos porcos-montezes, e de ordinario a exercitam até obra de 50 milhas a distancia das feitorias, ou estabelecimentos: mas lá tem mais um perigo, e vem a ser, que do mesmo covil onde o javali é atacado salta muitas vezes o tigre, que tambem andava occupado na mesma caça, mas por sua conta, e risco; accidente repentino que não é pequeno embaraço para os curiosos. Observaremos de passagem que o tigre nos seus ataques contra o porco, posto que são quasi sempre victoriosos, recebe ás vezes feridas desesperadas das prezas do adversario, que só succumbe nos extremos do conflicto.

O preparatorio para uma caçada destas no Oriente é uma scena de regozijo, e de folgança. Carregam-se em bois, ou em camellos as tendas, e as munições de toda a especie. Os caçadores são ás vezes mais de cem, contada a criadagem, e além disto se ajunta numeroso concurso das aldeas circumvisinhas; os principaes da companhia vão a cavallo, armados com umas lanças de choupas d'aço, e de sufficiente comprimento: a cabeça da presa pertence por uso estabelecido ao primeiro que lhe acertou um bote. Os movimentos rapidos, e desconcertados da fera não poucas vezes fazem falhar o golpe, mas quando este se emprega, e é vibrado por um braço destro, e musculoso, o animal succumbe. Alguns javalis velhos tem a pelle coriacea, onde só bala penetra. Attendendo ao volume e peso do corpo destes animaes, e á curteza das pernas, faz pasmar a velocidade da sua carreira.

Acontece frequentemente matarem-se seis, ou oito porcos-montezes n'um dia; e apenas é morto algum é necessario pô-lo immediatamente a bom recado, porque se o deixassem no sitio em menos de vinte minutos era devorado pelos abutres; é tal o olfacto, ou a vista destas aves immundas, que aonde ha carnica apparecem logo como se caissem das nuvens, e limpam tudo em um abrir d'olhos.

No *Oriental Annual* de 1835 refere-se uma destas caçadas, e diz-se que proseguindo os caçadores ardentemente no divertimento, esconderam no matto a primeira presa, que fizeram, para a recolherem á volta; porém posto que a demora não chegasse a duas horas, acharam-lhe depois unicamente os ossos dentro da pelle inchada com o ar, que figurava o porco inteiro; e viram ir d'abalada uma nuvem de abutres,

fartos do banquete, que tiveram a habilidade de pouco a pouco fazerem praça pelos buracos das balas, e arremeços, até poderem introduzir as cabeças, e comereem toda a carne á sua vontade. Estes passaros feios, e nojentos, abundam na Asia.

A nossa estampa apresenta o caso de se intrometter tambem o tigre na festa, sem ser procurado. Quando isto acontece de ordinario o deixam evadir-se a salvo, por ser perigoso para um cavalleiro quasi sempre armado só com um dardo accommetter uma fera, a quem a natureza deu garras possantes, ligeireza de pés, olho perspicaz, e certeza de pulo. Ás vezes, inda que raras, paga com a vida a temeridade e audacia de se metter onde o não chamavam.

BELLAS-ARTES — VIAGENS.

Não pretendemos neste artigo dar a conhecer as vantagens, que os litteratos e artistas podem adquirir por meio das viagens; porque julgamos ocioso querer demonstrar uma verdade, que a razão e a experiencia teem sobejamente confirmado: porém levamos o fito em apontar com a maior franqueza e imparcialidade, quaes são as qualidades e requisitos, que se devem exigir dos que se propoem a viajar para exercerem as Bellas-Artes, indicando ao mesmo passo as consequencias que se seguem da falta desses predicados, e o pouco ou antes nenhum fructo, que das viagens resultam aos que estribam todo o seu saber e valia na magica palavra *viajar*.

A primeira qualidade, que deve possuir o artista mancebo que viaja, é a boa educação, a segunda o genio, a terceira o estudo. Sem costumes ninguem espere aproveitamento solido nas sciencias e artes; porque sendo estas uma como emanação da divindade, e um aggregado de verdades uteis e necessarias, destinadas a fazer o homem feliz, nunca este o poderá ser, se, em menoscabo da moral, ignorar ou desprezar os deveres que tem a desempenhar para com Deus, e para com os homens. Sem genio, e propensão natural tambem não espere alguem aproveitar no estudo das Bellas-Artes: o genio é um dom do céu, um thesouro escondido, que o homem nunca poderá achar por suas diligencias e fadigas, ainda que o procure por todo o mundo. Sem estudo não póde haver aproveitamento, nem alcançar-se o grau de conhecimentos, que devem distinguir o bom artista. Póde o homem mostrar a sua natural inclinação para as artes; mas se ignorar os preceitos dellas, e não cultivar o genio por meio de assiduos estudos e trabalhos, nunca merecerá o nome de verdadeiro artista. De tudo o que acabámos de dizer, se deve colligir que um artista (viajante ou não) sem educação, é um homem baixo e plebeu, e que seu espirito é rude, como sua linguagem e modos: um artista sem genio não é artista: é um homem adventicio e incognito na classe a que por força quer pertencer; um artista, até de genio, sem estudo, é um navio sem leme, ou, por melhor dizer, um diamante tosco, que não póde brilhar por mais precioso que seja.

A firme convicção destas verdades faz com que as nações civilisadas sigam o costume de mandar viajar pela Italia e por outros paizes os estudiosos das Bellas-Artes. Mas de que modo? — Escolhendo d'entre elles os que teem os requisitos necessarios para colherem fructo das viagens: e ainda assim em França e Hespanha usam de eleger um professor nacional, para acompanhar e dirigir os estudantes, que vão á Italia; porque a mocidade sem director, em um paiz delicioso e cheio de entretenimentos, é muito natural, que se corrompa e desvie do fim de sua missão. Não sabe-

mos com certeza se as outras nações praticam o mesmo; porém não podemos deixar de louvar aquelle procedimento.

A proposito do que vamos tractando, cumpre-nos declarar que não são as viagens o unico meio de se crearem artistas em um paiz civilisado. Depois que se aperfeiçoou a arte da gravura, as melhores colleções dos grandes mestres tem corrido toda a Europa: e devem advertir os louvadores das viagens no que disse um grave auctor: *quem não estuda pelas estampas de Rafael, não aprenderá vendo os seus originaes.* Os gessos antigos tem sido reproduzidos e enviados por toda a Europa, por meio das *fórmulas*. As colleções de estampas de ruínas, e de architectura antiga e moderna correm por toda a parte. Os livros e preceitos das artes tem-se divulgado: e aquelle que for dotado de natural inclinação para as Bellas-Artes, pôde no seu paiz, com os estudos particulares e publicos, alcançar os conhecimentos, que oxalá não faltassem a muitos viajantes tão pagos de si mesmos!

E na verdade que fructos se devem esperar daquelles mancebos, que desprovidos de tudo quanto acabámos de referir, e atidos unicamente á ancora da protecção sulcam os mares, e passam de uns a outros paizes, para dahi a poucos annos voltarem á patria, fallando só em viagens, como causa unica de instrução não vulgar? A semelhantes homens fechou o desmesurado orgulho, e diremos, a ignorancia, o caminho do minimo adiantamento.

No que levámos dicto apontámos em summa as consequencias da falta de *genio*, de *costumes*, e de *estudo* naquelles individuos que só estribam o seu merecimento nas viagens. — Deveriam taes pessoas conhecer que a perfeição não consiste no muito emprender, mas sim no muito obrar; que viajar e ler, sem principios nem meditação, de nada serve. E, com effeito, quantos folheam os livros, sem distinguir nelles a sã critica da satyra mordaz, as maximas sociaes, e os exemplos instructivos dos successos e invenções de simples curiosidade? — Sentir e aproveitar todas estas variedades, eis o que se chama ler bem. O mesmo succede com as viagens. Quantos artistas principiantes passam de um a outro paiz sem conhecerem nem distinguirem o que ali ha mais bello, e sem tirarem fructo algum de suas peregrinações? — Copiam a natureza sem discernirem o que nella é trivial ou admiravel: confundem no modelo o sublime com o agigantado, o simples com o mesquinho, o character verdadeiro com o carregado. Elles leem a natureza; mas para a ler bem é necessario conhecer fundamentalmente o *Alphabeto do Antigo*; comparar as suas bellezas com as do natural, que se copia; ter bastantes luzes para perceber os defeitos do modelo, e talento para os emendar.

O MINHO ROMANTICO.

1

OS HABITANTES dos paizes chãos da Europa, isto é, os da maior parte della, quando viajam por aquellas provincias onde o solo é variado por montanhas, são quem a estas pôde dar todo o seu preço. Nas planicies a luz, e a vegetação é monotona; mais ainda do que o são as campinas do oceano, muitas vezes cavado pela procella, e onde o sol então batendo nos vagalhões se reverbera com accidentes variadissimos nas nuvens prehes das tempestades. Nos paizes plainos, porém, a procella é medonha, sem ser sublime: e um dia formoso é ameno, mas calado e tedioso, porque lhe falta a variedade: uma geira de terra, uma legua, uma provincia equivalem para o homem a

uma só impressão: e as impressões, que não os dias, são a verdadeira medida da nossa existencia. Dahi o pouco afferro que os naturaes de regiões plainas teem á terra natal. Desmente-lhes o solo os desejos de uma longa vida: porque, em taes paizes, um dia é como outro dia; uma sensação como outra sensação, e o espirito humano, no qual a synthese é innata, reduz todos esses dias, todas essas sensações a uma só idéa, a um unico sentimento; o que torna a existencia do homem semelhante a um canal aberto pela arte, em que as aguas se escoam insensivelmente, sem que, muitas vezes, nem sequer se possa dizer para que lado seja a sua corrente.

Não assim os paizes de montanhas: ali tudo é vivo, tudo falla, tudo ri ou ameaça. Ali os cimos das serras se prolongam ora nús e brancos, como uma ossada esquecida em campo de batalha, ora negros como as bordas de um volcão, ora cubertos de pinhaes cerrados, que faz gemer o bafô do vento, e que na sua cór triste semelham a viuva assentada sobre pedra de sepulchro: lá de qualquer modo que serranias se corromem, contrastam na sua gravidade selvagem com a macia verdura dos valles, cultivados pela mão do homem: lá a luz do dia, quebrada pelos rochedos, varia de estação em estação, diremos de hora em hora, o aspecto da paisagem; e a existencia sente-se passar a cada instante, e não se escôa como um rio adormecido.

É por este modo que a Suissa leva a palma da formosura entre as regiões da Europa: é por este modo que a Escocia inspirou romancistas e poetas. Ali correm as almas generosas a abastecer-se de inspirações: são esses paizes como o granel onde busca alimento para a vida intima aquelle que sabe viver. Se discorderdes pelas cumiadas e gargantas dos Alpes, encontrareis lá gente de todas as nações, homens de todas as crenças; porque a Suissa é a romagem da religião suprema, aquella que repassa todas as outras; da religião que nos ensina a adorar Deus na admiração das suas obras mais formosas e sublimes.

Nós os portuguezes não carecemos de ir tão longe para abençoarmos a Providencia pelas maravilhas de um paiz montuoso: a nossa serra da Estrella com as suas cimas nevadas e as suas cordilheiras penhascosas, a romantica Cintra com as asperezas dos seus retiros, com as fontes frias que manam dos rochedos de marmore, são como a imagem dos despenhadeiros dos Alpes, dos comoros da Escocia; a differença unica entre uns e outros sitios é, que as torrentes de luz de um sol meridional banham as nossas encostas, onde as plantas da Africa e da Asia crescem muitas vezes a par das da Europa, em quanto nas serranias da Suissa e sobre tudo da Escocia o astro do dia apenas dá um clarão frouxo e tepido; e apenas nellas se encontra uma vegetação pouco vária, e em parte enfeada e pobre.

Mas do romantico Portugal nada tão bello e saudoso, como o paiz que se estende entre o Douro e o Minho. Nesta provincia querem alguns que os antigos collocassem os campos elysios: verdade ou mentira que isto seja, o que é certo é que tudo o que a imaginação dos poetas figurou naquelle logar de paz e bemaventurança parece ser a descripção deste formoso terreno. Poderíamos dizer que o Minho é como um mar, que agitado pela maior das tempestades, e erguido em ondas temerosas, fosse tornado de repente immovel pela mão do Omnipotente: taes e tão varios são os accidentes do solo. Como ás ondas enfileiradas no meio de oceano revoltoso, os montes e os valles succedem uns aos outros: nos cabeços daquelles só, a maior parte das vezes, se veem pedras calvas e ermas; só silencio e morte; no fundo destas só verduras e sombras; só a vida e o seu ruido. De cada

encosta, de cada rochedo borbulha um arroio, que vem sumir-se nos rios proximos, de que todos os vales são regados. Estes rios, quasi todos de suave declive, não tem talvez iguaes no mundo pela amenidade das margens, e pela abundancia de peixes saborosos que nadam nas suas aguas.

Porém para em tudo o Minho ser a terra dos contrastes — dos contrastes, que talvez dão todo o encanto á natureza — o Douro, que para a banda do sul põe termo áquella provincia, é o rio mais torvo e intractavel de Portugal. Quasi sempre comprimido entre montanhas altissimas penduradas a prumo sobre elle; correndo por muitas leguas por um leito de rochedos, a sua navegação é perigosa, e as suas aguas tem devorado milhares de existencias. E em quanto o Lima, o Cávado, o Ave, e outros rios se vão derivando tranquillamente por entre os pomares, as hortas, os linhares, e os campos de milho, o Douro, por meio das rochas de granito e syenita, vai rugindo como um leão do deserto.

Das montanhas do Minho a mais notavel é o Gerez, onde em partes ha neves perpetuas como nos mais solitarios desfiladeiros dos Alpes: nestas serras se encontram variadas riquezas botanicas, que apenas tem sido exploradas. As aguas sulphureas em que o Minho abunda nascem principalmente no Gerez.

Foi nesta provincia que a monarchia portugueza teve o berço; e ali foi que a piedade, ou, se quizerem, a superstição de nossos avós alevantou maior numero de Mosteiros. Já no tempo dos godos os beneditinos estavam espalhados no Minho, e nelle se conservaram durante o dominio dos arabes. A esta ordem respeitavel, e que sempre será lembrada com gratidão pelos verdadeiros amigos da humanidade, deveram em grande parte a cultura e civilização os habitantes daquelle territorio. Ainda hoje não ousaremos affirmar que a sua conservação fosse inteiramente desvantajosa: deixaremos decidir esta questão gravissima por aquelles, que, sem nunca sairem d'entre o bullicio das grandes cidades, julgam os *monges* dos campos pelos frades viciosos das povoações. — Nós que assistimos á suppressão de uma parte dos velhos mosteiros do Minho, e que vimos as lagrimas do povo, que nelles encontrava os soccorros na doença, e o pão na decrepitude, não sabemos se aquellas lagrimas mentiam, se mentem as theorias dos politicos que escrevem no silencio do seu gabinete. O que é certo é que todos os argumentos economicos que se hajam de fazer contra a existencia das ordens monachas, a que com mais propriedade poderíamos chamar *sociedades agricultoras*, vão ferir, talvez com mais força, os senhores de terras, os proprietarios opulentos. Do que estamos seguros é de que estas nossas reflexões merecerão apenas um sorriso desses homens de espirito subido, para quem tem mais força um epigramma francez ou inglez ácerca da nossa superstição, do que uma boa razão portugueza, que sirva de defender-nos dos escarneos mesquinhos de estrangeiros ignorantes de nossas cousas.

Guardaremos para artigos especiaes o descrever mais miudamente as amenidades de certos logares desta nossa formosissima provincia; e n'um proximo Numero tractaremos em geral do caracter e costumes dos seus habitantes, o que não comportaria a brevidade necessaria do presente artigo.

OS CIGANOS.

A ORIGEM desta tribu de vagabundos é bastante obscura: ao menos, a razão de lhes darem tal nome. O que é certo é que os antigos egypcios tinham a nota

de serem descompassados embusteiros, donde viria e passar-lhes o nome para outras linguas, como na verdade aconteceu, visto os gregos e romanos chamarem egypcios aos embaidores: outra razão plausivel ha para trazer do Egypto tal denominação. Era este povo mui versado na astronomia, que então andava d'involta com a astrologia, e por isso dariam semelhança nome aos adivinhões e astrologos. Raro será o paiz da Europa, onde não haja egypcios ou ciganos, posto que com diversas denominações. Chamam-lhes os hespanhoes *gitanos*: os francezes *bohemiens*: os inglezes *gipsies*: os italianos *cingani* ou *cingari*: os allemães *zigeuner*: os latinos lhes chamavam *aegyptii*: nações ha que lhes dão o nome de tartaros ou sarracenos. Apareceram a primeira vez no norte da Europa pelo meado do 15.º seculo: da Allemanha se estenderam pela França, e dahi por Hespanha, e Inglaterra. Quando a principio se espalharam além do Danubio, vinham rotos e macerados, posto que fizessem de fidalgos, e viessem acompanhados de grandes matilhas de cães de caça atrellados. Os escriptores desses tempos descrevem-os como uma raça de côr trigueira amarellada, e de cabellos pretos e encarapinhados. Traziam vestidas umas tunicas, na cabeça uns barretinhos como os que usam os gregos; e mantos tecidos de cordel, pendurados dos hombros, e das orelhas furadas lhes pendiam monstruosas arrecadas de prata.

O papa Pio II, que morreu em 1464, falla delles, e lhes chama *zigari*, suppondo que eram um bando foragido dos *zigris*, que vem a ser os modernos circassios. Segundo outro escriptor antigo, que viveu com elles, eram habitantes do Baixo-Egypto, que haviam sido obrigados pelos sarracenos a abjurar a religião christã. Reconquistado o seu paiz pelos christãos, foram constrangidos a ir a Roma, para alcançar a absolvição da sua apostasia. Confessou-os o papa, e deu-lhes por penitencia o andarem errantes pelo mundo sete annos a fio, sem nunca se deitarem em cama. Com tudo para que não morressem de fome, mandou-lhes expedir bullas, pelas quaes ordenava a todos os bispos e arcebispos que encontrassem pelo caminho, que lhes dessem dez libras por modo de esmola. Pelo que toca ao nome de bohemios, entende o mesmo escriptor, lhes foi dado muito depois do seu apparecimento, e porque, segundo se dizia, vinham da Bohemia, andando então no quinto anno da sua penitencia, e havendo discorrido já quasi toda a Europa. Mas, na epocha, em que pela primeira vez se viram, lhes chamavam *penanciers* que são o mesmo que *penitenciarios*, e o que pareceria comprovar a origem que este escriptor lhes attribue, se ella em si mesmo não fôra tão absurda.

O allemão Grellmann n'uma dissertação ácerca dos ciganos, assevera que vieram do Indostão. Funda principalmente esta hypothese na semelhança da giria cigana com a lingua indica. Suppõe que elles eram da classe mais inferior dos indios, a saber — os parias — ou como por lá lhes chamam — os sudros (1). Sir William Jones (Indagações Asiaticas) lembra que talvez n'alguma expedição de pirataria desembarcassem nas costas da Arabia ou da Africa, donde vagueariam até o Egypto, e d'ahi emigrariam ou seriam trazidos á Europa. Uma casta de bandidos, que tem parecenças com os ciganos, se encontra entre os tryglo-dytas (assim chamados de *trygli*, rochedo, e *dyo*, eu entro) nas pedreiras dos arredores da Thebas egypcia. Mr. Grellmann calcula em setecentos ou oitocentos mil estes bandidos, que parecem ser da mesma raça dos ciganos.

(1) A'cerca dos sudros veja-se o N.º 2 do Panorama.

Por uma ordenação dos estados de Orleães, no anno de 1560, foi decretado que estes embusteiros vagabundos saíam de França, sob pena de gallés. Em consequencia deste decreto dividiram-se em pequenos

bandos, que se espalharam por toda a Europa. Da Hespanha foram expulsos em 1591: mas tanto lá, como em Portugal, ainda hoje duram restos delles.



O LYRA.

O PASSARO LYRA.

(*Menura Superba*. Davies nas LIN. TRANS.)

Os PAIZES recém-explorados da Australia (*) teem sido uma inesgotavel mina para os naturalistas do nosso tempo; e as familias plumosas não são das menos abundantes em individuos raros, que lhes tem sido difficil classificar entre os generos conhecidos. O formoso, e elegante *passaro lyra* é deste numero. O general Davies em 1800 o fez conhecido no vol. 6.º das *Transactions Linnæan*, como typo de um novo genero, e o denominou *menura superba*.

Esta ave interessante é, pouco mais ou menos, como o phaisão ordinario, mas tem todos os membros proporcionalmente mais vigorosos, e pronunciados, e os pés muito maiores, armados de longas unhas arqueadas, e de côr preta lustrosa: a cabeça é pequena, e o bico triangular na base, agudo e comprimido na ponta; as azas curtas e arqueadas; a plumagem em geral é basta, macia, e pennugenta, de côr alambreada escura com sua tinta azeitonada, misturada com o ruivo das azas, as partes inferiores do corpo são cinzentas: os machos teem na cabeça uma poupa de pennas estendidas como uma crista. O rabo é um lindo ornato plumoso; comprido; e quando a ave o ergue, e abre como o pavão, faz a figura d'uma lyra, do que lhe proveio o nome. Este bello enfeite é privativo dos machos. Compõe-se de dezeseis pennas, e ocioso será descrever-lhe a fôrma, de que a estampa pôde dar idéa. É de côr tambem alambreada escura,

(*) Vide o N.º 16 sobre a Nova Galles, e o N.º 24 sobre o Ornithorinco.

excepto as duas externas pennas dos lados, que são cinzentas, pretas nas pontas, orladas de ruivo, e transversalmente marcadas com barras transparentes, e triangulares, no tecido interior.

Os habitos desta ave singular ainda são bem pouco conhecidos. Tem bonita cantiga, forte, e sustentada, e imita bem todas as outras aves, que escuta. Ao romper da manhã começa a cantar; e subindo a alguma eminencia pedregosa, raspa o chão, como alguns phaisões, e erguendo o rabo, por intervallos arremeda as notas das aves, que estão cantando; continúa neste exercicio por espaço de duas horas, e torna depois para os valles, e terras baixas. Reside nos districtos elevados da Australia, e é commum nas cordilheiras da colonia da Nova Galles do Sul, onde já houve mais, porque actualmente são muito procurados por causa das pennas do rabo dos machos, que se pagam por bom preço em Sidney. É um passaro cauteloso, e reservado, e quasi exclusivamente terrestre, e raras vezes toma vôo, só o faz com trabalho e difficuldade sendo perseguido, e necessitado a fugir. Mal presente o caçador, corre velozmente, ajudado das azas, sem que os cepos d'arvores nos mattos, ou as rochas, ou qualquer obstaculo lhe impeça a rapida carreira, e só em grande aperto salta ás arvores, onde pula de ramo em ramo. Aninha nos troncos velhos, carunchosos, e ôcos, ao pé do chão, ou nas tocas das fragas. A postura consta de doze a dezeseis ovos brancos com alguns salpicos anilados. Os novos ainda são mais difficéis de caçar, porque além de correrem muito se escondem entre os penedos, e as moitas. Veem-se mais pela manhã cedo, e á tarde que durante o calor do dia. Como todas as *gallinaceas* es-

garavatam para descobrirem sementinhas, e vermes. Os aborígenes se enfeitam com as suas pennas, como com as de outras aves.

Ainda se não fez a tentativa de o conduzir vivo á Europa, o que parece não seria mui difficultosa empreza, e realisando-se obter-se-ia uma bella aquisição para os parques, e pateos de bichos dos poderosos: porque as emas, e varias gallinaceas, com quem tem afinidade, e outras aves sem comparação mais delicadas, criam-se, e vivem bem nos climas brandos da Europa, e ainda n'alguns menos temperados, como o norte da França, e muitos pontos da Grã-Bretanha. Por ora os lyras, que tem visto a Europa são empalhados para collecções d'história natural.

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL.

A EDUCAÇÃO intellectual, e a educação moral tractam da alma, como a educação physica tracta do corpo.

A tarefa da primeira é compôr a intelligencia, isto é, dar-lhe os necessarios conhecimentos, e capacidade para desempenhar o papel que tem de representar na scena da vida.

A intelligencia manifesta-se primeiro pela attenção, que não é outra cousa mais do que a intelligencia applicada a uma só cousa, concentrada em um só objecto. A attenção commummente é excitada por uma sensação, isto é, um sentimento de prazer, ou de dôr, occasionado por um objecto externo, por uma impressão qualquer sobre o corpo, por um objecto, que impressiona algum dos nossos órgãos. A intelligencia, avisada pelos sentidos, percebe o objecto, e este acto de percepção lhe dá a idéa de uma cousa. Quando a attenção se dirige alternativamente a duas cousas, ou duas impressões, ou duas sensações, a intelligencia sempre activa, sempre differente das sensações, e das impressões, está em estado de as comparar. Da comparação passa ao juizo; pronuncia da relação que existe entre uma e outra cousa, e diz que uma cousa é melhor, ou peor que outra. De muitos juizos compõe um raciocinio. *Todos os homens são mortaes*; eis-aqui um juizo: *eu sou homem*; aqui está outro: ambos me conduzem a esta conclusão: *logo eu sou mortal*.

O raciocinio umas vezes é curto, outras vezes longo. Examinado miudamente reduz-se sempre a alguns juizos, dos quaes tiramos uma conclusão. *Esta casa me convém*. Estas palavras encerram um raciocinio completo, que pôde desenvolver-se desta maneira; *Eu sou um negociante, tenho muitas fazendas, preciso uma casa com grandes armazens, que esteja situada em bairro bem frequentado; ora esta casa reúne todas estas vantagens; logo esta casa me convém*.

Ninguem ha que não esteja em circumstancias de fazer este raciocinio. O povo os faz muito subtis. Toda a gente discorre, toda a gente está obrigada a discorrer. Para fazer uma panella de feijão é necessario um raciocinio mais complicado que este que citámos. Portanto é inexactissimo dizer que o habito de discorrer é funesto: o que deve ser proscripto é discorrer mal, e nunca o usar da razão. Nada ha tão funesto como raciocinar mal, porque se não delira senão por paixão, ou por ignorancia, inimigos perfidos da especie humana.

É importantissimo recommendar ao homem que se habitue a discorrer, e desde a infancia encaminha-lo, para se acostumar a observar bem as suas impressões, e sensações, a tomar boa conta das suas percepções, a formar idéas bem claras, bem completas, a comparar as cousas com toda a attenção e por todas as faces, a não proferir juizos senão com perfeito conheci-

mento de causa, e a não discorrer senão sobre juizos bem exactos.

Longe de desgostar, ou de cançar as intelligencias tenras, nada as recreia tanto como os exercicios de comparação, e de raciocinio. Nas escholae da Suissa, d'Allemanha, e da Hollanda, usam muito destes exercicios.

Porém debalde a nossa intelligencia se enriqueceria com percepções, idéas, juizos, e raciocinios, se não tivesse a faculdade de os conservar, e de os recordar quando precisa. Mas todos sabem que ella possui esta faculdade, a que chamámos *memoria*: e tambem é sabido que as nossas idéas chamam naturalmente umas pelas outras, ou por algum ponto de parecência, ou de contraste, ou por outras causas. O caso é, que esta *associação* natural das idéas, e estas reminiscencias involuntarias prestam á memoria um grande auxilio.

A estas faculdades a nossa intelligencia ajuncta outra, isto é, a de combinar as nossas idéas de modo que faça novas creações, ou *imaginar* cousas que não existem, ou que pelo menos não existem como nós as imaginámos. Com os rochedos e as arvores, os homens e as cores, que tem visto, executa o pintor uma paizagem, que tem o merecimento da novidade, e é uma especie de criação produzida na tela, ou na madeira. O musico combina por um modo analogo os sons, que recebêra pelo ouvido, e compõe sonatas, e arias, que jámais os rouxinoes trinaram. O architecto combina pedras, vigas, e taboas, para fazer uma casa, e assim cria palacios, como os poetas os concebem na imaginação.

Tambem se fazem ataques á imaginação como á razão; tambem do mesmo modo a temem: é uma louca, e desvairada, dizem; e com effeito ás vezes assim é: mas por isso mesmo é necessario explicar bem á mocidade o que ella é, o que pôde, e deve ser; o que tem, e o que não tem razoavel em si.

É este o dever da educação intellectual; ella deve explicar as faculdades da intelligencia, e exercitar cada uma de modo que venham a ser tão uteis ao homem como Deus quer. Quem ataca a imaginação, que nos é precisa a cada passo na vida, não tem razão: mas quem combate a imaginação, que se diverte em extravagancias e em sonhos, que doudamente lisongeia a camponeza com a perspectiva de ser um dia princeza, e o pastor com a de vir a ser grão senhor, esse sim que tem razão de sobejo. Dizei aos meninos o que é a imaginação, o que ella vale e não vale; ensinaei-os a sujeita-la á razão; e obrareis muito melhor do que prohibindo-lhes a leitura de certos livros. Ha sem dúbida alguns que se não devem consentir: os máus livros são como as más acções, tanto se hão-de combater uns, como as outras: todavia é necessario comprehender que para ambas estas cousas desapparecerem não basta proscribe-las com violencia; é muito mais valioso ensinar ás consciencias novas a detestar o mal. Tal deve ser o resultado da educação intellectual, cuja mais bella parte é a explicação das faculdades, que acabámos d'indicar.

Esta sciencia tem nas aulas o nome de psychologia. Nada importa o nome; a sciencia é preciosa, porque offerece noções, que nenhum preceptor da juventude, nenhum pae de familias illustrado deve ignorar. O mesmo são as regras, e os methodos que a nossa intelligencia deve seguir, applicando-se á indagação da verdade: estas regras, estes methodos constituem uma sciencia; mas que é d'uso geral, e está ao alcance de toda a gente. Chamam-lhe logica, e o povo tem uma logica, e tem precisão da sua logica, como a classe superior, e como os sabios precisam da sua. O povo segue até mais naturalmente, e com

mais fructo, as regras da natureza, e os methodos do senso commum, do que os sabios seguem as da sciencia. Não podem contudo daqui inferir-se consequencias contra o estudo. O que se quer dizer é que na logica scientifica se tropeça muitas vezes, e que o vulgo é de ordinario mais feliz com a sua logica do senso commum: que esta se applica unicamente ás cousas mais ordinarias na vida, e que a dos sabios se applica a questões mais levantadas e difficilimas.

As pessoas encarregadas da educação da mocidade acharão tanto gosto em lhes explicar os methodos e as regras, que se seguem no usar das nossas faculdades, como em lhes desenvolver a theoria das mesmas faculdades. Com effeito examinar com os meninos até que ponto nos illudem os nossos sentidos, apresentando-nos como redonda uma torre octogona (1), que está a certa distancia de nós; ensinar-lhes até onde, e em que circumstancias podemos acreditar nos testemunhos dos outros; encaminha-los a distinguirem as verdades *evidentes* das que não o são, as verdades *necessarias* (2) das que são puramente *contingentes* (3), é cousa facil, instructiva, e divertida.

Será inda mais facil, e por certo mais instructivo firmar cada uma das faculdades da intelligencia no seu necessario desenvolvimento.

A sensibilidade desenvolve-se sem precisão d'estudo especial: comprehende-se facilmente; por tanto só é necessario explicar bem aos meninos algumas sensações fortes, algumas impressões profundas, e fazer-lhes observar bem a percepção, que se lhes segue, e a idéa que esta fornece. Dêmos um exemplo trivial. Pondo na mão d'um alumno um pero cozido, alguma cousa quente, faz-lhe uma *impressão* nos órgãos, causa-lhe uma *sensação* de calor; elle observará esta sensação, ou a *perceberá*: ella lhe dará a *idéa* de um corpo um tanto *extenso*, um tanto *molle*, um tanto *pesado*, e que tem uma *certa forma*, &c. — Por tanto esta *idéa* abrangerá os elementos das idéas da *extensão*, da *resistencia*, do *peso*, da *rotundidade*, &c.

A attenção, que muito importa cultivar, explicar-se-ha tambem com facilidade, distinguindo-a bem da distracção, da desattenção, da dissipação das idéas; observar-se-ha quanto ella nos ensina dilatando-se, e quanta exactidão, e clareza então presta aos nossos conhecimentos. Este ponto é de summo interesse. O que nós vulgarmente chamamos uma cabeça vigorosa, e bem organizada, não é outra cousa senão uma intelligencia habituada a concentrar as suas faculdades n'um só objecto: as cabeças frageis são as incapazes de se applicarem a cousa alguma seguidamente, e com attenção. Já se vê de que importancia é estimular, e fortalecer bem esta faculdade, que é a primeira de todas.

Na educação dos meninos de continuo lhes lembram a attenção; porém recommendam-lh'a quasi como se manda a soldados apresentar armas. Dir-se-ia que não ha mais, da parte dos meninos, do que o quererem. Seria porém melhor encaminha-los para quererem: seria melhor promover, estimular, e entreter a attenção do que rege-la imperiosamente. Ella obedece em quanto está de boa vontade, mas dessa forma apresenta-se por momentos; se a exigis para mais tempo, sabei mante-la, isto é, excitai a curiosidade da intelligencia; interessai-a, ao passo que a instruídes. Nada de monotonia no ensino. Quando assim tiverdes feito o vosso dever, e ella o seu, parai; porque sendo violentada faria serviço de momentos, e seguiria mal para diante.

(1) Figura de oito lados.

(2) Deus é justo, é uma verdade necessaria.

(3) Paulo é avarento, é uma verdade contingente, porque não é força que Paulo seja aváro.

Para fixar, e prender bem a intelligencia dos outros, é necessario que a lição seja rica de idéas, que produza o seu pensamento d'um modo vehemente e claro, que varie as suas instrucções, e que desça bem, e fique ao alcance daquelles que a recebem.

O modo porque abusam da primitiva curiosidade dos meninos; a secura das narrações, que lhes embutem; a inutilidade das explicações, que lhes dão; o esgarceo, que fazem dos seus esforços, tudo isto os desgosta, os *desmoralisa*, e assassina na sua origem aquelle *genio* verdadeiramente philosophico, que de continuo os impelle a perguntar-vos: *mas como é isto? ... mas como se faz isto?* Que admiravel methodo se acharia observando os seus primeiros passos, espreitando a sua instructiva curiosidade, alimentando a sua natural applicação!

Depois da attenção, que sem cessar lhes pregam, e nunca lhes cultivam, a unica faculdade, a que ainda dão exercicio, é a *memoria*. Pelo muito que tractam della, parece que nisto se cifra toda a intelligencia, e toda a alma. Mas em que a empregam? Em palavras, e textos difficeis, em phrases abstractas, em periodos incompreensiveis, em discursos não especificados. O menino aprende tudo; sobrecarregam-lhe a memoria com milheiros de cousas inuteis, e pensam que fica sabendo algumas quando são das aulas: mas em breve se conhece que de quanto aprendeu nada comprehendeu.

A memoria, como é sabido, para ser boa deve receber com presteza, guardar com fidelidade, reproduzir com promptidão. Ella é tão docil que faria tudo isto só com a condição de fazerem comprehensivas as cousas, que lhes apresentam. Eis-aqui a regra principal. Fazei que vos comprehendam, não tracteis o homem como maquina: sejam as vossas lições escolhidas, e bem entendidas. É tempo de desterrar sistemas de frades da Companhia, que, ainda mal para a instrucção publica do nosso paiz, não desappareceram com elles. Fazei aprender palavras, que assim é preciso, mas vão a par dellas os pensamentos; e liguem-se as cousas como convém. Cada palavra tenha um sentido, exprima algum factó, alguma idéa; porque são as idéas, e os factos, que se hão de explicar, e consignar á memoria.

Não deve a memoria cultivar-se á custa das outras faculdades. O juizo, e a imaginação requerem igual cuidado. O juizo, propriamente fallando, é a consciencia e razão do homem; ora, na vida humana, não ha um instante em que a consciencia e a razão não tenham que *julgar* alguma cousa, que decidir algum negocio, que tomar alguma deliberação: e como se exporá alguem a fallar sem empregar a razão, a obrar sem o impulso da consciencia? Logo é restrictamente necessario que o juizo seja cultivado com o maior esmero, e attenção. É como se cultivará? Sobre que recahirão os seus exercicios na educação primaria? Sobre todas as questões, que estiverem ao alcance dos meninos; sobre tudo o que elle vê, e ouve, sobre tudo o que lê, e principalmente sobre o que diz. As occasiões nunca faltam, o que faltam são as direcções: porque os pedagogos, e os pais estão pouco habituados a estes exercicios.

Ainda neste ponto quasi todos concordam; porém já não é tão geral a opinião da conveniencia de exercitar a imaginação; mas é porque estão a este respeito n'um erro, que já apontamos. Tomam por imaginação os seus delirios, as suas extravagancias, e desvarios. Mas é exactamente porque essa bella faculdade é sujeita a deploraveis aberrações, que é necessario regula-la, e dizer o que ella é positivamente, e o que deve ser. A imaginação é senhora quando a razão é serva; porém isto é uma usurpação: ella é que

deve ser a serva da razão; auxilia-la, executar-lhe as vontades; pôde aos trabalhos da razão unir algumas combinações; mas não crear monstros: ella imagina pelas imagens, que d'antemão recolhêra.

Para cultivar a imaginação a duas cousas se ha de attender: habitua-la a reproduzir, e representar exactamente as imagens das cousas, e a combina-las util, feliz, e engenhosamente. Todas estas combinações são uteis; e não se creia que ella serve sómente aos artistas, que teem de pintar quadros, ou compôr peças de musica; aos poetas, que teem d'inventar personagens, scenas, e discursos patheticos: a imaginação é tambem util ao operario, ao cultivador, e ao professor d'elôquencia. O cultor, e o jardineiro tem que executar mil trabalhos segundo a sua imaginação; o architecto, o pedreiro, o marceneiro, o tapeceiro, &c. sem cessar precisam de consultar a sua imaginação. Não ha homem de officio, por grosseiro que seja o seu trabalho, que possa dispensa-la; isto explica o pouco successo de muitos, o máu gosto, e o disparatado de suas obras, e sua condição miseravel; porque lhes falta a imaginação, ou para melhor dizer, porque a sua imaginação, privada das direcções, que estabelecem o gosto, os desvaira, ou os illude.

Pestalozzi, que tão bem comprehendeu a educação, porque a estudou de todo o coração, porque conheceu o povo, e as suas miserias, não fez pouco caso da imaginação; e a cultivava principalmente com o desenho linear; mas este desenho não era como o de muitos mestres, que se limita a figuras de geometria, á copia de alguns moveis, de algumas peças d'architectura, ou de algumas machinas. O desenho linear na eschola de Pestalozzi era uma arte d'imaginação. Longe de restringir os alumnos a simples copias, aquelle grande mestre provocava pela sua parte combinações de todo o genero. Convidava-os a compôr de tres linhas curvas, que traçava n'um espaço negro, cinco figuras differentes. Depois que os seus alumnos tinham executado esta ordem, escolhia das figuras, que elles inventavam, uma porção das mais bonitas, mandava-as copiar n'um caderno de modelos, e as communicava aos principaes fabricantes do seu paiz, que ficavam muito satisfeitos, e aproveitavam esta collecção para os desenhos dos tecidos, que saíam continuamente das suas immensas manufacturas.

Por este, e semelhantes modos positivos, se exercita a imaginação; e são milhares de vezes preferiveis aos contos cavalheirescos, e de fadas, com que outr'ora a deslumbravam; contos, e patranhas, que teriam falsificado todas as noções justas, e uteis, se não houvesse na razão humana um fundo de bom siso inexgotavel.

Fornecer á imaginação muitos objectos, imagens, e cousas uteis; enriquecer a memoria com principios bem exactos, e completos; dar ao juizo, á razão, e á consciencia, a maior rectidão possivel, eis-aqui a verdadeira educação intellectual. O bom pedagogo da mocidade saberá devidamente avaliar a sua importancia, e não perderá as occasiões de a desenvolver, e cultivar.

Destruição dos arganazes. — De todos os meios empregados para este effeito o que pôde dar melhor resultado consiste em trazer para os campos do trigo saccos de moinha ou palha um pouco pisada, como a que serve de cama aos cavallos. Fazem-se disto uns montesinhos, e mistura-se com cada um delles um punhado de grança de avêa. A distancia adoptada entre cada monticulo é de vinte e cinco passos. Como os arganazes preferem este asylo ao que occupam debaixo da terra humida acodem alli, e podem

facilmente destrui-los homens, que examinem todos os dias os montinhos, ou cães, ensinados a fazer taes caçadas.

Remedio contra as lombrigas do gado lanigero. — Os animaes lanigeros estão expostos a enfermidades causadas pela existencia de vermes nos bofes, no estomago, nos intestinos, e particularmente no figado. Os agricultores dos Estados-Unidos da America costumam combater estas molestias com a *gomma de aloes*.

Meia onça de gomma em pó, misturada com uma pouca de farinha, e agua sufficiente para que tudo forme umas papas grossas, é quanto basta para um carneiro: não é difficil fazer-lh'as engolir, abrindo-lhe a boca, e pondo-lhe a bolinha sobre a raiz da lingua, com uma colher

Tem-se tirado optimos effeitos do mesmo remedio, porém administrado em menor dóze aos carneiros, que começam a adoecer e a perder o appetite. O emprego do aloes assim enfraquecido é sufficiente para fazer desaparecer todos os symptomas de doença.

Modo de tirar nodoas de ferrugem. — Para tirar as nodoas de ferrugem ou de tinta, que não cederem á acção do sal de azedas (super oxalato de potassa) basta juntar ao dicto sal umas poucas de aparas de estanho, que facilmente se encontram nas lojas dos picheiros.

Deitam-se o sal, e as aparas de estanho n'uma colher de prata, com uma porção d'agua, que se faz aquecer: mette-se a parte manchada dentro da dissolução, e dentro em pouco desaparece a nodoa em virtude de certas reacções chemicas.

Tambem se pôde pôr a parte manchada, depois de molhada, sobre a tampa d'um vaso de estanho cheio d'agua a ferver, derramando-se o sal por cima da nodoa. A maior parte das vezes vê-se desaparecer a nodoa, sem se quer ser necessario auxiliar a acção do sal com a mais leve fricção feita com a ponta do dedo.

Singularidade do nome de Napoleão. — Este nome, que em francez se escreve *Napoleon*, compõe-se de duas palavras gregas, que significam *leão do deserto*. O mesmo nome engenhosamente combinado fórma uma phrase que offerece singular analogia com o character daquelle homem extraordinario.

1	Napoléon
6	apoléon
7	poléon
3	oléon
4	léon
5	éon
2	on

Cortando successivamente a primeira letra desta palavra, e depois a de cada palavra restante, formam-se seis palavras gregas, cuja traducção litteral, designada pela ordem dos numeros, é: *Napoleão, sendo o leão dos povos, ia destruindo as cidades.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.